

APRESENTAÇÃO

*Em 1993, na "Apresentação" do primeiro número da Terceira Margem, Eduardo de Faria Coutinho pôs em destaque a originalidade das investidas de composição editorial por meio das quais a Revista – que, finalmente, trazia a público uma mostra da diversidade de resultados procedentes do fluxo de pesquisas desenvolvidas pelos Programas de Pós-Graduação em Letras da UFRJ – configurava o propósito de empreender verdadeiro diálogo com outros centros acadêmicos e intelectuais do Brasil e do exterior.*

*A partir de 2002, ao assumir o compromisso de reativar a periodicidade da Terceira Margem, mostrando-se atento a fazê-la dar continuidade a interlocuções com demais centros acadêmicos e intelectuais, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura pretende direcionar, semestralmente, a divulgação de artigos inéditos que se disponham a mover indagações de leitura suscitadas pelas áreas de Teoria Literária, Literatura Comparada, Poética e Semiologia. Assim sendo, este número reúne textos produzidos por pesquisadores que – ao discorrerem sobre o tema "Espaço e Escrita" – divisam modalidades críticas dirigidas por diferentes opções metodológicas, em perfeita parceria com as linhas de pesquisa do Programa: Imaginários Culturais e Literatura; Construção Crítica da Modernidade; Leitura, Texto e Transdisciplinaridade; Poéticas das Linguagens; Estudos Culturais e Pós-Coloniais.*

*Cabe mencionar o agradecimento à Diretoria da Faculdade de Letras/UFRJ, em especial à Professora Sonia Zyngier, por ter colaborado com o financiamento da presente publicação, que se conclui com uma página in memoriam de Carlos Fernando Santiago Rodrigues Marques, Professor do Departamento de Letras Anglo-Germânicas.*

**Luiz Edmundo Bouças Coutinho**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura

## TERCEIRA MARGEM

Tião realmente conseguiu a promoção almejada? Será que Tião se arrependeu e retornou à favela? A realidade nos foi mostrada parcialmente apenas. O real desfecho Guarnieri deixou a critério da imaginação do seu público.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar como a ideologia da crítica pode – e, de fato, o faz – nortear toda a interpretação de uma peça, delegando-lhe defeitos que, encarados de acordo com valores estéticos e ideológicos distintos, podem ser julgados como algumas de suas características mais brilhantes. A seguir, apresentamos dois pontos de vista conflitantes que ao serem aplicados à interpretação de *Eles não usam black-tie* podem levar-nos a conclusões das mais diversas – já que apresentam pontos de partida divergentes, tornados evidentes devido aos estudiosos discordarem em uma questão fundamental: a função da arte na sociedade.

Décio de Almeida Prado ao analisar a peça concluiu: "O seu ponto de partida são os homens: através deles é que entrevemos outros antagonismos, que são apresentados sempre como conflitos vitais, de ação, não como crítica de diretrizes teóricas." Seu veredicto, que ignora o reflexo de fatores de ordem social na trama, só vem a confirmar a sua interpretação de *Eles não usam black-tie* enquanto um drama.

Já Piscator defende que "o homem encenado no palco é significativo devido a sua função social. Não é a sua relação consigo mesmo, nem sua relação com Deus, mas a sua relação com a sociedade que é central". Seu argumento leva-nos a concluir que, no caso de *Eles não usam black-tie*, a situação social que a greve gera é que se faz central, sendo os personagens apresentados em sua função. A Épica se sobrepõe, portanto, à Dramática.

*Eles não usam black-tie* só nos permite expressar pontos de vista tão antagônicos por se tratar de uma peça de constituição híbrida: sua forma não corresponde ao seu conteúdo. Guarnieri quis, e conseguiu, inovar o repertório do teatro nacional; sua única falta (involuntária) foi não estar esteticamente à altura de seu momento histórico. Sendo precursora do teatro épico no Brasil, *Eles não usam black-tie* tem seu valor histórico garantido. O julgamento de seu valor estético, contudo, gostaríamos de deixar a critério do leitor, o qual, levando em consideração suas próprias convicções, poderá dar razão tanto a Hegel quanto a Rosenfeld.

### NOTAS

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, SZONDI, Peter. *Theory of the Modern Drama*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987; ROSENFELD, Anatol. *Teatro moderno*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 1997; ROSENFELD, A. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2000; ou ainda,

## TERCEIRA MARGEM

COSTA, Iná Camargo. *Sinta o Drama*. Petrópolis: Vozes, 1998. Para a conceituação teórica dos termos 'drama' e 'teatro épico' conforme empregados no presente trabalho, recorrer a esses mesmos autores.

<sup>2</sup> Costa, op. cit., p. 183.

<sup>3</sup> Redescoberta porque, como se sabe, os dramaturgos da antiguidade clássica já faziam uso de elementos épicos em suas tragédias. Não é preciso, contudo, retroceder tanto para se verificar características épicas em peças 'dramáticas'; basta analisarmos, por exemplo, as peças históricas de ninguém menos que Shakespeare para encontrarmos tal tendência.

<sup>4</sup> MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962; p. 132.

<sup>5</sup> COSTA, Iná C. "A crise do Drama em *Eles não usam black-tie*: uma questão de classe" in *Discurso* no. 20. São Paulo: USP, 1993; p. 147.

<sup>6</sup> O livro *A Anatomia do Drama*, de Marjorie Boulton, é um exemplo significativo de como a crítica em geral – e não somente a brasileira – não foi capaz de acompanhar o desenvolvimento formal e de conteúdo do teatro moderno. Este livro, que, na realidade, não passa de um manual para a análise de "peças bem feitas," foi publicado – e altamente elogiado pela crítica nacional e internacional – em nada menos que 1960 (BOULTON, M. *The Anatomy of Drama*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1960).

<sup>7</sup> Idem., *ibidem.*, p. 13, grifos nossos. Esta, assim como todas as outras citações feitas de originais em inglês, é de nossa própria autoria.

<sup>8</sup> Para uma discussão mais detalhada da função e das limitações das esferas privada e pública em uma peça, cf. Costa. *Sinta o drama*. Op. cit., pp. 67-74.

<sup>9</sup> Szondi, op. cit., p. 7.

<sup>10</sup> PRADO, Décio de Almeida. *Teatro em progresso*. São Paulo, Martins; p. 133.

<sup>11</sup> COSTA, Iná C. *Teatro épico no Brasil: De força produtiva a artigo de consumo*. Tese de doutorado apresentada à FFLCH-USP. São Paulo: USP; p. 12.

<sup>12</sup> Magaldi, op. cit., p. 231.

<sup>13</sup> Costa. *Sinta o drama*. Op. cit., p. 57.

<sup>14</sup> Rosenfeld. *Teatro moderno*. Op. cit., p. 152.

<sup>15</sup> GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. 6ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1990; pp. 108-9.

<sup>16</sup> Prado, op. cit., p. 134.

<sup>17</sup> Rosenfeld. *Teatro moderno*. Op. cit., pp. 136-7.

<sup>18</sup> Cf. Costa, "A crise do Drama em *Eles não usam black-tie*", op. cit., p. 153.

<sup>19</sup> Szondi, op. cit., p. 9.

<sup>20</sup> Prado, op. cit., p. 134.

<sup>21</sup> Anatol Rosenfeld claramente distingue a estruturação desses dois gêneros: "Daí a necessidade de rigoroso encadeamento causal: o mecanismo dramático move-se sozinho, sem a presença do autor. Já na obra épica, o narrador, dono da estória, tem o *direito de intervir* (...)." (Rosenfeld. *Teatro moderno*, op. cit., p. 136, grifos nossos).

<sup>22</sup> Prado, op. cit., p. 134.

### TERCEIRA MARGEM

<sup>23</sup> Cf. Costa, "A crise do Drama em *Eles não usam black-tie*", op. cit., p. 151.

<sup>24</sup> Parece-nos questionável afirmar que Tião verdadeiramente faz parte da classe de seu pai e sua família. Tendo sido criado na cidade por seus padrinhos (burgueses), o personagem fielmente acredita em uma série de valores que não pertencem ao proletariado. Será que não estaríamos presenciando, na verdade, um comportamento remanescente da experiência colonial brasileira?

Roberto Schwarz argumenta que "a colonização produziu, com base no monopólio de terra, três estratos de população: o latifundiário, o escravo e 'o homem livre', na verdade dependente." A esses três estratos, correspondem, na atualidade, três outros: o do proprietário, o do proletariado e o do "favorecido;" sendo este último constituído por aqueles cujo "acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande." (SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5a ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000; p. 16)

Não residiria, nesta constatação de Schwarz, a chave para o comportamento de Tião? Não se provaria mais sensato afirmarmos que Tião agiu de forma contrária ao interesse da classe em que se encontrava inserido?

<sup>25</sup> Rosenfeld. Teatro moderno. Op. cit., p. 142.

<sup>26</sup> Prado, op. cit., p. 134.

<sup>27</sup> Apud Szondi, op. cit., p. 67.

<sup>28</sup> Cf. Costa. Teatro épico no Brasil. Op. cit., p. 18.

## TERCEIRA MARGEM

### NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS

**1 - Da seleção:** o Conselho Editorial envia cada trabalho para dois consultores “ad hoc”, que o examinam e lhe atribuem conceitos. Apenas 15 trabalhos serão incluídos em cada número, usando-se o critério de classificação (daqueles cuja média de conceitos for a maior).

#### **2 - Do Formato dos artigos:**

**2.1-** 10 a 15 laudas em papel A-4, digitadas em Word 6.0, espaço entre linhas 1,5; corpo 12 (total máximo de caracteres incluindo as notas: 31.000). Para facilitar a editoração, não inserir números nas páginas.

#### **2.2- Referências bibliográficas:**

- Não serão incluídas bibliografias (as referências bibliográficas são obrigatórias e devem vir em forma de notas de fim).
- Notas no fim do artigo – deverão conter as referências bibliográficas completas de acordo com a ABNT.
- As citações devem ser diferenciadas por um recuo de 1 cm à esquerda.

#### **2.3 - A página deve estar configurada da seguinte maneira:**

- margens superior e inferior: 3,0 cm; margens esquerda e direita: 2,0 cm;
- margem do cabeçalho (cf. o comando “configurar página” do Word 6): 2 cm
- margem do rodapé: 1,5 cm

#### **3 - Do Material entregue para seleção:**

Entregar uma cópia em disquete e três cópias impressas, sendo uma cópia com título do trabalho, nome do autor, endereço, telefone e instituição de origem e duas cópias sem qualquer identificação do autor. O material entregue não será devolvido.

Toda solicitação de compra de exemplares e envio de texto para a publicação em *Terceira Margem*, bem como qualquer pedido de informação sobre a revista (tema, prazo para entrega de trabalhos etc.) deve ser encaminhado para:

#### **Wilma Garrido**

Banco de Teses - Pós-Graduação da Faculdade de Letras - UFRJ  
Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21.941-590  
Tel. (021) 2598-3245 ou 2598-3236 - Fax: (021) 2280-3141  
Correios eletrônicos: wilma@letras.ufrj.br • tmargem@letras.ufrj.br  
Página na Rede: <http://www.sr2.ufrj.br/~webflpos/terceiramargem/index.htm>

TERCEIRA MARGEM



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Reitor:** Carlos Lessa

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**Decano:** Carlos Tannus

**FACULDADE DE LETRAS**

**Diretora:** Edione Trindade de Azevedo

**Diretora Adjunta de Pós-Graduação**

Maria Emília Barcellos da Silva

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura**

Luiz Edmundo Bouças Coutinho